

Próprio 26 – 21º Domingo de Pentecostes – Ano B

1ª leitura (Antigo Testamento) – Deuteronômio 6.1-9

1º comentário:

O Livro do Deuteronômio é fruto de um longo processo redacional que pode se estender desde a segunda metade do século 10º até a época do sacerdote Esdras (século 3º). A primeira parte pode ter sua origem no reinado de Josias quando foi empreendida uma reforma político-religiosa que visava: estabelecer a adoração única a Javé centralizada no Templo de Jerusalém; estabelecer a lei deuteronômica como o aparelho normativo oficial a quem todas as pessoas estariam submetidas (inclusive o próprio rei); promover a unidade e a consciência nacional judaico-israelita (cf. 2 Rs 21-22). Para que os objetivos da reforma de Josias fossem alcançados, depois de eliminar os opositores, devia se popularizar a lei através da sua leitura pública em festas populares e atos solenes, é aí que entra o texto deste domingo.

O caráter instrutivo do Deuteronômio aparece evidenciado no título: *“Este é o mandamento, estas são as leis e os decretos que Javé vosso Deus mandou ensinar-vos...”* (6:1 Bíblia Sagrada da Vozes). Em 6:1 se vê a diferenciação entre *“mitzevah”*, isto é, *“encargo, mandamento”*; *“hukim”*, isto é, *“obrigações, taxas, estatutos, preceitos, regulamentos”* e *“mishefatim”*, isto é, *“juízos, decretos, sentenças”*. Veja-se que a única palavra que aparece no singular é a primeira o que parece indicar que há um grande mandamento do qual se derivam todos os outros. A idéia de um mandamento que resume os outros lembra o resumo de Jesus indicado como Evangelho para este domingo: Mc 12: 28-34. No versículo 2 de novos todos os termos aparecem novamente no plural, inclusive aquele usado no singular no primeiro versículo reforçando a idéia de que não é o tipo de norma que faz a diferença (como seria hoje a constitucional, a leis ordinária e as leis federais, estaduais e municipais) mas aquela que é UMA da qual se derivam as outras. Esse princípio gerador de toda lei é o que deve ser ensinado ao povo e a todas as gerações porque enquanto a leia mudam o princípio permanece! (cf. versículo 5). Neste caso o princípio é vertical e deixa-se para as relações horizontais as relações como o próximo. Jesus dará um passo importante ao incluir as relações com o próximo como princípio gerador lado a lado com a relação com Deus (HMG)

2º comentário:

O Shemá (“Ouve”, em hebraico), é uma das sentenças mais caras à tradição judaica. Trata-se de uma ousada afirmação de fé, proclamada inicialmente numa cultura que admitia a existência de vários deuses e deusas (do sol, da lua, das tempestades, da fertilidade). Dentro desse ambiente, afirmar: “Iahweh, nosso Deus é o único!” soava como um absurdo. Porém, era um absurdo libertador porque desobrigava o povo do temor a outras “divindades” que legitimavam a opressão.

Como os autores do texto chegaram a essa ousada conclusão? Não foi através do raciocínio lógico. Não foi reunindo argumentos e teses. Foi a partir da experiência com o poder libertador de Deus. Esse Deus os tirara do Egito, da escravidão (v.12) e com eles se unira.

Do mesmo modo que essa afirmação de fé não nasce a partir de esforços racionais e intelectuais, mas de uma experiência de libertação, ela também apela não para a razão, mas para a vontade, o compromisso. Ou seja, ela não convida à discussão teórica sobre sua veracidade. Antes, apela para uma ação de compromisso de dedicação total a esse Deus e de transmitir as experiências de libertação por Ele proporcionadas às novas gerações, para que a história tenha as marcas da liberdade.

O Shemá faz com que a comunidade de fé viva todas as dimensões da existência na presença de Deus e permeadas por Ele. Esse é o sentido de "amar ao Senhor com todo coração, alma e força". Trata-se, não de compartimentos separados da vida, mas da totalidade da vida humana. A percepção desse relacionamento constante com Deus deve ocupar todos os momentos da vida ("em casa"... "andando pelo caminho"... "ao deitar" e "ao se levantar") e deve estar freqüentemente gravada em nossa memória. Por quê? Com vistas à construção de um futuro coerente com o caráter gracioso desse Deus libertador. (CEBC).

As palavras iniciais do Shemá serão repetidas por Jesus no diálogo com o escriba (Mc 12, evangelho de hoje). Os escribas eram hábeis conhecedores da Lei. Aquele escriba em questão, homem ortodoxo, reconhece também a "ortodoxia" de Jesus. E quanto a Jesus? Bem, o texto afirma que Jesus também reconheceu que o escriba falara com inteligência (Mc 12.34), mas advertiu: "Tu não estás longe do Reino de Deus". Temos aí uma grande lição bíblica: saber os mandamentos, memorizar versículos bíblicos, saber explicar doutrinas da Igreja e comentar a ética cristã é bom, mas não é o suficiente para a vida cristã. Jesus é radical: fazendo tudo isso, estamos apenas "perto" do Reino de Deus. O que nos faz estar vivendo realmente o Reino de Deus é a prática sincera e constante disso tudo. Diz um provérbio chinês: "conhecer e não praticar, ainda não é conhecer". (CEBC)

Epístola: Hebreus 7.23-28

O sacerdócio eterno e eficaz de Jesus é contrastado com o sacerdócio efêmero e inútil dos levitas, (7.18). Dois argumentos fundamentam essa afirmação. (1) Jesus fez a oferenda voluntária de si mesmo, em contraste com a oferenda involuntária de animais. A perfeição não está na oferenda sem mácula outra que a vida, morte e ressurreição de Jesus. (2) O contraste entre a eficácia e a inutilidade acima expresso está na compreensão sobre Jesus Cristo, (cristologia). Como foi dito nos capítulos anteriores, o sacerdócio de Jesus é da ordem de Melquisedeque e, ao mesmo tempo, inteiramente humano, nosso irmão em todos os aspectos, (2.17). Em poucas palavras, pela encarnação passa por sofrimento, pela cruz e ressurreição faz dupla doação de si mesmo.

Aqui é relevante se referir ao artigo de Rowan Williams, "Sacrifício e Justificação" em *Euchristic Sacrifice – The Roots of a Metaphor*. "Essa doação cria uma comunhão mais profunda, e envolve o mais precioso preço. De um

lado, Deus age para trazer a sua criação para a comunhão, o dom para a humanidade fechada em si mesma, amedrontada, o dom criativo, que envolve sua presença livre de poder ameaçador.” Essa presença em Jesus é o ato divino de participar na vulnerabilidade e mortalidade humana, “é a presença de compaixão sem reservas e com esperança irrestrita, neste mundo de homens e mulheres. De outro lado, diz Rowan Williams, “Jesus, a oferenda de Deus a nós, é, ao mesmo tempo, a oferenda dele a Deus, sacrifício que envolve a perda total de humilhação na Cruz” para o engrandecimento de Deus e do seu reinado.

É com essa qualificação, poder e propósito o nosso Sumo Sacerdote age antes de nós, e nos reúne numa comunhão de ação de graças e louvor, (2.12-13) e nos torna capazes de agradecer a Deus, engrandecer o seu Nome e participar de sua intercessão e de sua advocacia em favor de todos os oprimidos e excluídos. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 12.28-34

A religião parece ter a capacidade de nascer como um elemento libertador e profético e acabar se transformando em algo repressor e cheio de normas. Quase todas as religiões do mundo são subdivididas em seitas e facções que afirmam, elas mesmas, representarem a parte mais “pura” da religião.

Neste capítulo 12 do Evangelho de Marcos parece que Jesus está falando com quase todos os grupos religiosos da sociedade judaica. Primeiro vieram os fariseus e herodianos (v. 13), depois os saduceus (v. 18) e agora era a vez de um dos escribas (v.28). Estes encontros se deram no templo e um dos escribas, depois de ouvir as respostas de Jesus aos demais grupos resolve, também ele, fazer seu questionamento.

Em uma religião que continha seiscentos e treze mandamentos, sendo duzentos e quarenta e oito positivos e trezentos e sessenta e cinco negativos, era muito difícil haver um consenso sobre qual deles era o mais importante. Normalmente haviam brigas e debates sobre o assunto. O Escriba procura, portanto, apanhar Jesus em algum tipo de falha. Por isso pergunta sobre o principal de todos os mandamentos.

Pela resposta de Jesus compreendemos que o principal mandamento observa dois sentidos um vertical e outro horizontal. Um que aponta para o alto e outro que nos mostra os que estão ao nosso lado.

O principal mandamento é, portanto, em primeiro lugar, aquele que nos faz olhar para Deus. A resposta de Jesus fazia menção ao SHEMÁ que significa “ouve”. Esta expressão é retirada de Deuteronômio 6 e exalta a existência de um único Deus, o Deus de Israel. Todo judeu piedoso recitava o *Shemá* três vezes por dia. Este exercício o fazia lembrar que não havia qualquer outro ser ou coisa que pudesse ser colocado ao lado ou à frente de Deus na escala de importância. Não estaremos cumprindo os mandamentos se há algo ou alguém entre nós e Deus. Em uma sociedade cada vez mais superficial e consumista sentimos que a igreja precisa ser perguntada e questionada com frequência se ela ainda coloca Deus acima de tudo e de todos.

Em segundo lugar, o principal mandamento é aquele que, segundo o texto aponta para um tipo de relação que devemos ter com este Deus.

“amarás o Senhor teu Deus...” O tipo de relacionamento que devemos nutrir com Deus não pode estar baseado no medo ou no temor de seus castigos. Pelo contrário, o tipo de relacionamento que devemos nutrir para com Deus é o amor. Amar a Deus é a base para se fazer escolhas corretas na vida. Quando amamos alguém não descumpriremos sua vontade, não porque ela nos castigará, mas porque não queremos vê-la entristecida e magoada. Por isso Agostinho já dizia: “ama, e faze o que quiseres”.

Finalmente, o principal mandamento é aquele que nos faz olhar para o lado. Jesus ressalta o amor ao próximo quando diz: “amarás o teu próximo como a ti mesmo”. De fato a Escritura nos diz que é impossível amar a Deus a quem não vemos se não amamos o próximo a quem vemos. Qualquer coisa diferente disso é hipocrisia. Não há amor a Deus se nossos irmãos passam fome ao nosso lado e nós sequer nos damos conta disso.

Muitas vezes a religião se transforma apenas em um amontoado de normas e de regras e serem cumpridas. Uma série de cláusulas a serem observadas e um enorme número de gestos e palavras combinadas (senhas) para que possamos identificar aqueles que são “dos nossos”. Deus nos livre de nos tornarmos meramente policiais da vida alheia (JLFA)